

# porã' duba

PUC-SP — 17/11/86 — n.º 120

# congresso

Na abertura da fase preparatória, dia 4, a Reitoria apontou o culpado pelo rombo financeiro. Dia 12, em debate, o documento do Geres recebeu duras críticas. E ainda, um psicólogo diagnosticou a crise. Pág.3



Claudia G. Menezes

O clima político polui a cidade. Veja na pág. 5, o que Marilena Chauí e Éder Sader falam da

política  
do  
cotidiano

# evasão

Confira  
o que existe  
de verdade  
nessa história!

Pág. 6



## Carta dos editores

A PUC vive momentos de perplexidade. E o *Porã'duba* procura refletir esse clima nesta edição. Depois do número especial de greve — sem dúvida um documento jornalístico que fica para a história da Universidade — nossos repórteres seguiram o caminho da crise. E em meio a uma certa apatia de professores, alunos e funcionários, descobriram que no trabalho cotidiano na PUC, crise é apenas uma referência à situação geral da Universidade.

O repórter Enor Paiano, por exemplo, acompanhou os vários trabalhos prestados pela PUC a diferentes setores da população mais carente de São Paulo. Trata-se de um serviço público de valor inestimável, muitas vezes indispensável até para a sobrevivência de muitas pessoas, como é o caso dos milhares de pacientes atendidos gratuitamente no Hospital Santa Lucinda, de Sorocaba.

Mas o "sacerdócio" tem limites. É cada vez maior o número de casos concretos de professores e funcionários que estão deixando a PUC. As explicações são óbvias: os baixos salários e as incertezas do futu-

ro. É o que conta o editor-assistente Gerson Sintoni, numa reportagem que mostra um dos lados mais dramáticos da situação vivida hoje pela PUC, com desdobramentos imprevisíveis.

Apesar disso, a PUC continua sendo um palco privilegiado de debates. Depois da calorosa discussão sobre a pena de morte, agora foi a vez da política do cotidiano. Claudia Giudice de Menezes, editora-assistente do *Porã'duba* acompanhou esse debate que fecha o circuito da discussão política que nos atinge por todos os lados. Em meio as apurações das eleições do dia 15, estamos organizando um Congresso interno altamente politizado (como mostra o repórter Rubem Rochel) e começamos a pensar — como nesse debate — o que tudo isso tem a ver com o nosso dia-a-dia.

O *Porã'duba* procura, dessa forma, refletir um pouco dessa mistura de "baixo astral" e persistência no trabalho cotidiano que marca a PUC destes nossos dias.

Conselho Editorial  
Professores — jornalistas — Gabriel Prioli (reg. MTb 361 — Mat. Sind. 4967)  
Laurinho Lalo Leal Filho — (reg. MTb 12.110 — Mat. Sind. 300)  
Valdir Mengardo — (reg. MTb 12.347 — Mat. Sind. 6.707)  
Redação:  
Editora: Lizete Teles de Menezes (reg. MTb — Mat. Sind. 5458)  
Editores Assistentes: Claudia Giudice Menezes e Gerson Sintoni  
Repórteres: Enor Paiano e Rubem Roschel  
Fotografia: Samuel dos Santos Chaves  
Diagramação: Silas Botelho Neto  
Secretária de Redação: Vera Lúcia Ramos da Silva  
*Porã'duba* circula quinzenalmente com distribuição gratuita e é editado sob a responsabilidade da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Rua Monte Alegre, 984 — São Paulo — CEP 05014 — Tel (011) 263-0211 ramal 227. *Porã'duba*, em tupi: notícia.

## Cartas

### Mais um que sai

"Magnífico Reitor

Há vinte e cinco anos iniciei minhas atividades docentes nesta Universidade. Há cerca de 18 integro o quadro de professores. Não me acomodei. Prossegui nos meus estudos, conquistando, ao depois, cargo no Quadro de Carreira, aprovado em concurso público, por unanimidade: 10 (dez).

Lembro-me, quando do ingresso, da Disciplina DOCTRINA SOCIAL CATÓLICA, à qual, como ouvinte, inúmeras vezes compareci. Pergunto-me, hoje, onde está a Pontifícia Universidade Católica sonhada por D. Carlos Carmelo, Cardeal Mota?

A disciplina DOCTRINA SOCIAL CRISTÃ foi escorraçada de nossos Currículos; substituída por MARX, que deve ser mais atual...

Nas minhas aulas de Direito, tema de especial predileção era a cogestão da empresa. Aula de Direito, porém, com base na Doutrina Social Cristã (cf. *Rerum Novarum* Leão XIII, *Quadragesimo Anno*, Pio XI, Pio XII, não só na encíclica "Optatissima Paz", mas também no Congresso Internacional das Organizações Católicas, em 1956, *Populorum Progressio*, de João XXIII, *Humanae Vitae*, de Paulo VI, preocupação constante de João Paulo II).

Vi nascer, em minhas aulas (se bem que isto jamais constou de qualquer documento e não fiz questão de apregoar) a iniciativa dos alunos de implantação da cogestão na PUC, acolhida por dom Paulo Evaristo, Cardeal Arns.

Pois bem, greve é incompatível com o regime de co-gestão. Afinal, se todos os administradores são eleitos pela comunidade; se todos os colegiados, inclusive os de gestão financeira, são integrados por dirigentes; professores, alunos e funcionários, não há como justificar-se greve reivindicatória de melhores condições de trabalho...

Creio que há determinados princípios em cuja grandeza e generosidade o jovem crê, neles se forma e que marcam como ferro em brasa. Nem todos conseguem renegá-los, ainda que de boca para fora, conforme os interesses ou conveniência da ocasião. E não há pior velhice do que a do homem que, com o correr dos anos, se sente incapaz de manter inatingível o cerne de seus ideais de moço e por ele lutar. Porque isso será a velhice da alma, que equivale à morte do próprio espírito.

Sempre combati o bom combate. Como outros, no entanto, retirei-me (examinem o número de professores que demitiram-se, ou foram compelidos a isso...)

Ainda agora, ao datilografar este pedido, ouço de ilustre professora, a afirmação de que a "Greve foi assumida pela Reitoria", ou seja, foi por ela incentivada?

Enfim, cogestão com os seus integrantes voltando-se contra a Instituição. Assim não vejo uma Pontifícia Universidade Católica.

Era o que me cumpria esclarecer, em adiamento ao pedido já formulado.

São Paulo, 27 de outubro de 1986.  
Celso Affonso Garreta Prats.

### Reajuste ao professor Celso

O professor Celso Affonso Garreta Prats, em sua carta de demissão da PUC, justifica tal atitude através do princípio da "co-gestão da empresa". Segundo ele, a nossa greve contraria seu ponto de vista apoiado na Doutrina Social Cristã da cogestão. Uma vez que a Reitoria e os Órgãos Colegiados foram eleitos diretamente, então, não poderia haver nenhuma "greve reivindicatória de melhores condições de trabalho".

Na realidade, o que o professor Celso expressa em sua carta é sua oposição ao mais elementar direito dos assalariados: o direito de greve. Com a cogestão ou sem ela, o Sr. Celso combateria a greve. Inclusive, o professor não se dá o mínimo trabalho de analisar as condições degradantes a que estão submetidos os professores e funcionários.

É bem possível que estas condições não atinjam o professor Celso, que, na sua condição de advogado, não tem o ensino como o centro de suas atividades. Caso isto não seja correto, estaremos diante de uma atitude mais grave ainda, pois um docente que não seja capaz de defender o seu trabalho é igualmente incapaz de defender o ensino e o conhecimento que exerce junto aos alunos.

Quanto ao argumento da cogestão, pudemos observar o porquê do Sr. Celso ter predileção por tal tema em suas aulas, como está exposto na carta de demissão. Este defende a cogestão como um meio de subordinar os assalariados à exploração do trabalho. Aplicada a "cogestão" na PUC, teria-mos que suportar o arrocho salarial, a quebra das condições

de trabalho e a regressão das condições de ensino. Sem dúvida, nossa greve contrariou este tipo de orientação e refletiu a legítima defesa do trabalho e

do ensino, que a cogestão do Sr. Celso seria incapaz de fazê-lo.

APROPUC

## Poucas

## Boas

### Unicamp aposta na inteligência

Ventos que vêm de Campinas parecem trazer uma esperança de arejamento ao sufocante processo de "achômetro" em que o vestibular se transformou. A Unicamp, este ano, traz um esquema completamente diferente: as palavras agora valem mais do que as cruzinhas. A primeira fase deste vestibular constará de dez questões discursivas e a redação terá 50% do valor da prova, para qualquer área. Só passará para a segunda fase quem tiver rendimento superior a 50%. A nota da primeira fase terá peso 2 na contagem geral dos pontos. A segunda fase se compõe de 20 questões discursivas para cada disciplina específica, valendo peso 1 na contagem geral. Na segunda fase o aluno não pode zerar, e deve conseguir, no mínimo, 30% de acerto nas matérias prioritárias para cada área. Jocimar Archângelo, da Secretaria Executiva do Vestibular da Unicamp e que foi responsável pela criação do Colégio e Cursinho Equipe (conhecido pela forte formação nas Ciências Humanas), explica a importante modificação: "A impressão que temos é que o aluno es-

tá perdendo a capacidade de se expressar. Estamos dando parâmetros para que o segundo grau volte aos seus objetivos reais que não são, de jeito nenhum, achar a resposta certa em cinco alternativas tipo teste". E a opção pela inteligência é realmente radical: quem acreditar na inovação da Unicamp não poderá fazer as cruzinhas da Fuvest porque as provas são, de propósito, na mesma data.

### Cadê Sorocaba?

Para surpresa de alguns representantes da comissão organizadora do Congresso, assim que chegaram a Sorocaba, prontos para uma abertura retumbante, foram recebidos como estranhos. "Ninguém sabia do Congresso", afirma Alípio Casali, "não tinha nada preparado".

Os motivos pelos quais Sorocaba ainda não se adequou ao clima do Congresso, ainda não foram justificados. As faixas foram colocadas, estava tudo preparado para que no dia 11 último a abertura fosse um grande evento. Ninguém sabe explicar o que aconteceu.

O fato é que terá de ser marcada uma nova data para a sua realização, e esperamos que desta vez haja a participação maciça da comunidade do campus sorocabano.



# Reitoria dá a sua versão

A comunidade puquiã já está vivendo o clima de Congresso. Desde o fim da greve, professores, funcionários e alunos vêm realizando discussões e assembléias para tornar mais ampla a participação de todos os setores da Universidade.

A Comissão Organizadora também está trabalhando a todo o vapor a fim de agilizar o processo, já que o tempo é pequeno. No início deste mês foi fixado o calendário com todas as atividades que precederão a realização do Congresso, que está marcado para os dias 11, 12, 13 e 14 de dezembro. Além disso, já está em funcionamento na sala 15, no subsolo do Prédio Velho, a secretaria do Congresso, onde podem ser encontradas todas as informações a respeito do evento e para onde devem ser encaminhadas as futuras propostas.

A greve dos ônibus não chegou a afetar a abertura da fase preparatória, que aconteceu, como estava previsto, no dia 4. O público ocupou todos os assentos da sala 333 interessado, principalmente, no diagnóstico que o vice-reitor administrativo, Alípio Casali, iria fazer sobre a crise da PUC. Porém, antes do vice-reitor, a professora Zilda Iokoi, representando a Comissão Organizadora, fez um balanço do que a Comissão havia feito até então e explicou a proposta e os objetivos do evento.

Segundo Zilda, a proposta do Congresso surgiu da neces-

sidade de se encontrar uma saída para a grave crise estrutural em que a PUC está mergulhada. "O Congresso é o foro ideal para se discutir a Universidade e lutar pela melhora do ensino", explicou. Zilda fez questão de enfatizar que "todas as propostas devem ser colocadas", pois, no seu entender, é assim que a PUC encontrará a solução para o impasse financeiro e educacional em que se encontra, ressaltando que "todos têm um compromisso de construção de um movimento para a realização do Congresso num curto espaço de tempo".

Após essa breve explanação, a professora Zilda passou a palavra ao vice-reitor Alípio, que ficou com a ingrata tarefa de explicar porque a PUC está em crise.

## Cz\$ 120 milhões de déficit

Alípio abriu sua exposição afirmando que a Reitoria não só acatou a decisão da realização do Congresso, como "proverá os recursos disponíveis e necessários para sua realização". Isso posto, o vice-reitor foi direto e claramente ao ponto: no entender da Reitoria a principal razão para a crise financeira da PUC está na sistemática redução que vem ocorrendo dos recursos econômicos do Governo destinados à Universidade.



O público presente à abertura do pré-Congresso. No detalhe, Alípio diagnostica a crise.

Samuel S. Chaves

Para provar sua tese, o vice-reitor precisou apenas de um giz e da parede verde da sala. Didaticamente, Alípio foi construindo uma tabelinha demonstrando que, em 1964, 75% do orçamento da PUC provinha do MEC. Já em 68, essa cifra caía para 25%, chegando à situação atual onde as verbas públicas representam, até agora, apenas 1,69% das receitas puquiãs. O vice-reitor explicou, ainda, que toda a estrutura da Universidade foi montada levando em conta a realidade de 64 que, infelizmente, não se sustentou.

Porém, a Reitoria não considera apenas a diminuição das verbas públicas o grande vilão

da história. Somado a isso, segundo Alípio, estão também a ampliação do patrimônio entre 67 e 68, quando foram compradas algumas casas; a construção do Prédio Novo, em 1970, que endividou ainda mais a PUC; e o próprio desenvolvimento acadêmico da Universidade com a criação de novos cursos e, logicamente, a crescente defasagem entre as anuidades e a inflação.

A soma de todos esses fatores, de acordo com o vice-reitor, é o que gera a crise. Em números, segundo as estimativas da Reitoria, a PUC deve entrar em fevereiro de 1987 com um déficit da ordem de Cz\$ 120 milhões. No entanto, as más notícias não pararam por aí. Alípio afirmou, para desespero dos professores e funcionários presentes, que a Reitoria não tem previsão para o pagamento do 13º salário.

## PUC À VENDA

O lance mais curioso dessa abertura da fase pré-Congresso ficou reservado às perguntas que a platéia dirigiu ao representante da Reitoria. Num dado momento, um aluno perguntou ao vice-Reitor o que havia de concreto a respeito das especulações de que a PUC seria vendida. Alípio respondeu que, efetivamente, aconteceram duas sondagens a respeito do assunto. Uma da Universidade Nôtre Dame e outra de uma pessoa representando grupos econômicos ligados à TFP (Tradição, Família e Propriedade). Porém, Alípio não deixou muito claro quando e como tais consultas se deram, enfatizando apenas que em nenhum momento a Reitoria pensou em passar a PUC nos cobres, "a não ser que o Congresso tome essa decisão", finalizou.

## Freud explica a crise da PUC

Qual a análise que um psicólogo faria da crise da PUC?

O Professor Odair Furtado, do Departamento de Psicologia Social, acha que qualquer explicação que leve em conta somente os dados objetivos do problema desprezando o seu substrato subjetivo, corre o risco de ficar incompleta.

Para Odair, foi durante o movimento grevista que se iniciou um processo de articulação dos vários desejos inconscientes da comunidade. "Desde atitudes radicais do tipo: tomara que a PUC pegue fogo e tudo isso acabe, até a percepção da extrema ligação emocional que faz com que as pessoas lutem para salvar a Universidade", afirma.

Odair aponta as assembléias como o lugar de manifestação desse inconsciente da comunidade fazendo, porém, uma distinção entre dois tipos de postura: "Um grupo se reuniu em torno da crença de que a greve era a luta necessária para se chegar ao Congresso, que significaria a solução da crise. Esse foi o grupo que sustentou a greve e a fez forte. O outro grupo tinha uma posição mais conservadora porque se colocava no lugar da institui-

ção numa atitude de protegê-la. A instituição aí funcionava como símbolo do poder". Dentro dessa segunda portura Odair faz uma divisão. "Alguns assumiam a atitude da competência que se manifestava no discurso de que os alunos estavam pagando e não tinham aula e a tarefa dos professores era a volta às atividades. Outros diziam que a PUC não tinha mesmo condições de atender às reivindicações".

Porém, mesmo existindo essa posição contrária, a votação nas assembléias sempre foi maciça a favor da continuidade da greve. Odair explica tal atitude recorrendo, mais uma vez, ao substrato inconsciente da comunidade.

"A ligação afetiva das pessoas com a PUC sempre falou mais alto. A PUC que eu quero é o sonho de todos, é a utopia de cada um. Por isso vamos salvá-la".

Esse desejo, segundo Odair, se expressa a nível consciente na realização do Congresso. "O Congresso é o catalizador de todos esses sentimentos. Se não fosse tomada a decisão esses sentimentos se perderiam. O Congresso, no caso, é o objeto da rea-

lização desse desejo", afirma.

Odair acha que todo esse processo indica uma tendência típica que autores como Guatarrí e Lapassade, chamam de autogestão do grupo. Pois, durante a greve quem geriu a PUC foi o comando grevista. Com o Congresso será a comunidade, de fato, quem vai decidir.

Porém, como explicar o número significativo de pessoas que não acreditam no Congresso? Odair considera essa posição a expressão objetiva de um substrato inconsciente presente nessas pessoas. "Existe um medo desse movimento autogestionário. Nós temos uma tradição paternalista e autoritária.

Acreditamos na autoridade", afirma. "Isso gera uma descrença na própria força do grupo.

Existe uma pulsão de morte nos mantendo dentro de uma tendência conservadora", conclui.

Para que não aconteça um esvaziamento do Congresso Odair acha que a solução estaria na retomada do clima autogestionário da greve. "Só assim encontraríamos energia suficiente para uma transformação de fato".

## Documento do Geres recebe Críticas

No último dia 12, com a sala 239 repleta, foi realizado mais um evento previsto no calendário do Congresso. Com representantes da Associação Nacional dos Docentes do Ensino Superior (Andes), da Federação das Associações dos Servidores das Universidades Brasileiras (Fasubra), além da professora Zilda Iokoi, representando a Comissão pré-Congresso, foi debatido por mais de duas horas o Documento de Reforma Universitária do Geres (Grupo Executivo de Reforma do Ensino Superior).

O documento do Geres, que foi criado com a finalidade de transformar em anteprojeto de lei um estudo exaustivo da universidade brasileira, realizado por uma comissão de "alto nível", foi duramente criticado pelos debatedores. Tanto o representante do Geres, Celso Ribeiro, quanto o

do MEC, Simon Schawartzmann, prováveis defensores do documento, foram convidados mas não apareceram.

Entre as inúmeras críticas, Newton Lima Neto, presidente da Andes, destacou oito pontos considerados por ele como os mais graves. O documento elimina a "indissociabilidade entre o ensino e a pesquisa; rompe com a autonomia da universidade porque permite o controle de grupos externos; induz ao ensino pago; acaba com a isonomia salarial; retrocede em relação às eleições diretas para reitor; amplifica a interferência do Mec que passa a definir as linhas gerais do ensino; acaba com a universidade de campus, pois qualquer faculdade pode requerer o título de universidade; e introduz condições aviltantes de trabalho com dedicação exclusiva e horista".



# Serviços da PUC saem do campus

"Por que "Escola Viva"? Esta foi a expressão que encontramos para revelar uma educação que aconteça fora da escola formal. Na sociedade em que vivemos privilegia-se o aprendizado que se passa apenas nos bancos escolares e se descaracteriza todo um saber que se dá na escola viva da vida. (...)

"Na "Escola Viva" reflexão e vida estão fundidas, o pensar não se divorcia da experiência, o saber brota de pequenas situações individuais e coletivas e do aprendizado adquirido nos movimentos operário e popular.

Mas com isso estão negando a necessidade da Escola? Não! A Escola Viva não nega a necessidade da Escola. O que nega é esse modelo de escola seletiva e autoritária que reproduz as relações de poder da sociedade: a hierarquia, a divisão entre dirigentes e dirigidos, entre os que sabem e os que não sabem, entre os que possuem conhecimento e os "incompetentes", que devem ser dirigidos".

(Trecho da revista "que história é essa", uma publicação do Instituto de Planejamento Regional e Urbano — Urplan — da PUC-SP.)

Um trabalhador de indústria pesada, uma mulher num clube de mães, um agente pastoral de comunidade de base que recebe o número da revista "que história é essa?" intitulado "Escola Viva", não terá dificuldade em pegar o raciocínio central da publicação: só as lutas da vida podem enriquecer um aprendizado, que não interessa se restrito aos bancos de escola. Apesar de saber que a revista é um serviço da PUC-SP, esses leitores não vão adivinhar que é essa a visão de ensino que está por trás de toda a história dos serviços da Universidade.

Mas saber exatamente a quem atendem, como funcionam e quais as metas e objetivos destes serviços não é tão fácil. O último levantamento publicado, de julho de 83, listava setenta serviços. E mesmo assim traz a ressalva de que a listagem é "a mais completa que foi possível recolher".

## Trazendo a experiência para a classe

Os serviços da PUC podem ser divididos em dois grupos: os de caráter acadêmico, e aqueles que visam a uma atuação extra-acadêmica. Bons exemplos de serviços que têm forte ligação com a Universidade são os trabalhos da Facul-

dade de Serviço Social, que faz com que os próprios alunos se encaixem em projetos reais em andamento. Funciona assim também a Clínica Psicológica, da Faculdade de Psicologia, que fornece diagnósticos, terapias, reeducação pedagógica e outros serviços, ministrados por alunos estagiários da própria faculdade, e por psicólogos recém-formados que atendem, segundo o último levantamento, 404 clientes/pacientes. Realizando um trabalho que tem uma vinculação mais tênue com o dia-a-dia da PUC estão os institutos, como o Urplan, que trata a "realidade regional e urbana, enfocada na ótica do comprometimento com os grupos e camadas populares". É o caso também da Divisão de Educação e Reabilitação dos Distúrbios da Comunicação (Derdic), que atende anualmente 1.370 pessoas

com algum tipo de deficiência comunicativa.

De qualquer maneira, sair das salas de aula, e voltar com a experiência adquirida, não é fácil. Um trabalho que esbarrou nessa dificuldade foi o do Centro de Estudos e Atividades Sociais (Ceats), departamento do Centro Acadêmico de Direito, que leva a sete pontos da periferia atendimento jurídico e social. Como explica seu coordenador, Sérgio Francisco Magalhães, "a volta da nossa experiência para a Universidade é complicada, porque encontra uma estrutura acadêmica muito rígida e impermeável a mudanças". O Ceats tenta lubrificar essa relação através de seu Departamento de Comunicação, que inicialmente visava apenas o público de periferia, e agora se expande para dentro da Universidade.

## Servir a quem

Sérgio Avancine, diretor do Urplan, explica as modificações que o instituto, aos poucos, vem sofrendo. Inicialmente, o Urplan tinha um caráter mais técnico-acadêmico, voltado para demandas de classe média. A partir de 78/79, os setores populares começaram a tocar na questão do planejamento, e aos poucos passaram a ser o setor prioritário do Instituto, que até insere no seu nome "Assessoria Popular, Serviços, Pesquisas, Estudos". Trajetória semelhante seguiu o Instituto de Estudos Especiais (IEE), que tendo como objetivos "manter atualizados os princípios que regem a universidade frente à realidade brasileira", passou a captar os elementos prioritários do contexto social, encontrando as classes

populares. Como explica seu diretor José J. Queiróz, realizando cursos e palestras, fazendo pesquisas e promovendo publicações, o IEE foi aos poucos desenvolvendo suas várias linhas de trabalho. A cultura popular, a questão do menor, o trabalho da Igreja, os direitos humanos, a questão carcerária estiveram na mira dos pesquisadores, que tentam ampliar os temas, sem abandonar os já tratados.

Porém, a preocupação centralizada nas classes populares não é única. O Centro de Estudos e Documentação Científica (Cedic) realiza trabalhos de documentação, especialmente na área de filosofia, voltado diretamente para o público acadêmico. A própria Clínica Psicológica, apesar de cobrar taxas de acordo com as possibilidades econômicas dos clientes, tem atendido cada vez mais universitários, como explica sua chefe, Maria Cecília de Faria.

## Os serviços custam caro?

O custo dos serviços parece mais fantasma que realidade. Os projetos do Urplan são todos patrocinados por fundações ou órgãos governamentais. O IEE emprega quatro pesquisadores, com tempo igual ou inferior a vinte horas semanais, para seus vários projetos, e também recebe incentivos externos. A Clínica Psicológica recebe tanto dos clientes/pacientes, quanto dos alunos estagiários e dos psicólogos iniciantes que pagam seus créditos à faculdade.

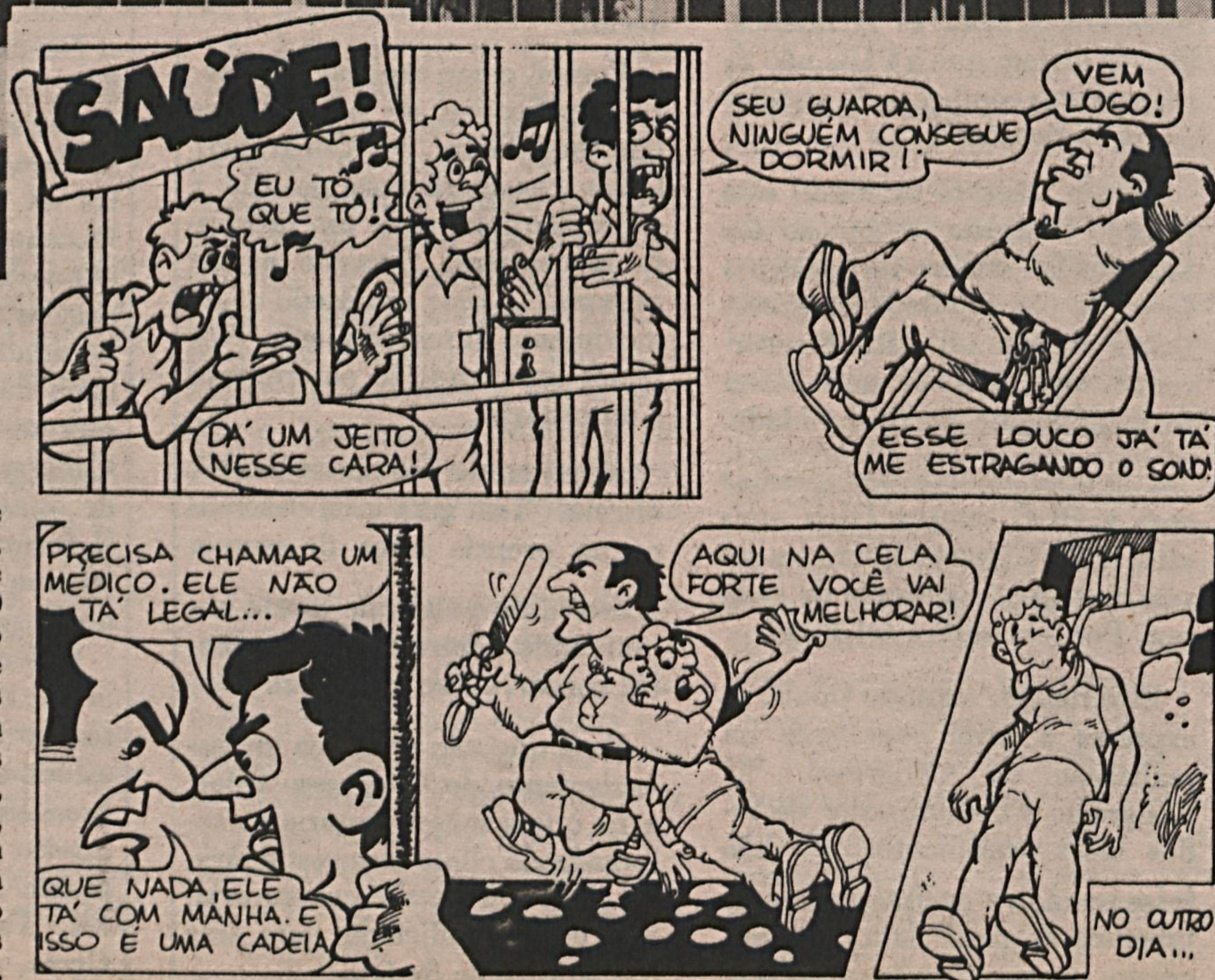
Parace que o setor que traz mais ônus é mesmo a Faculdade de Medicina e Enfermagem. A Faculdade, nos seus três hospitais, atende cerca de 275 mil pessoas por ano, de 82 cidades da região, com um grau de gratuidade de 40%.

## Para onde vão os serviços

Os vários setores de serviços fazem coro agora com a comunidade, questionando-se sobre seu futuro. A Coordenadoria Geral dos Órgãos Especiais (Cojec), que integra além do Urplan, do IEE e do Cedic, o Instituto de Relações Homem/Mulher (Ieros), o Instituto de Pesquisas Linguísticas (IP), o Instituto de Relações Latino-Americanas (Irla) e a Derdic, reuniu-se dia 13 para discutir que tipo de presença os serviços terão no Congresso. Mas há um caso mais grave: a verba da "Ford Foundation" que permitiu o aparecimento do Cedic termina agora em dezembro, e os diretores não sabem como o centro continuará seu trabalho.



Gerson Sintoni



Dois exemplos de serviços da PUC. Acima, a Derdic, que atende atualmente mais de 1300 pessoas com algum tipo de distúrbio de comunicação. Os quadrinhos abaixo fazem parte do "Manual dos Direitos do Preso", publicado pelo I.E.E., que foi distribuído em vários presídios para esclarecer a população carcerária de seus direitos.



# Um voto por um sapato. É a política no cotidiano

Para a maior parte das pessoas extenuadas pelos velhos discursos e pelo excessivo desgaste da linguagem, a política no cotidiano é sinônimo da música "Cotidiano" do Chico Buarque, quando "todo dia ela faz tudo sempre igual e me acorda às 6 horas da manhã..."

Esta repetição aborrecida, é oposta ao conceito original de política, que subentende relações vivas e dinâmicas entre pessoas e grupos. Além de fruto da incapacidade dos políticos (profissionais do voto) esta situação tem muito a ver com o momento brasileiro, quando os atos políticos tornaram-se exteriores à vida da população. A política tornou-se um clichê, atos institucionais e processos de uma vida distante, que pelo seu afastamento produzem a sensação de algo suspeito.

Suspeitas como foram as propostas e plataformas da maior parte dos candidatos a um cargo público nestas eleições de 15 de novembro. Um cotidiano de imagens vazias, de rostos plásticos que prometem e imploram um voto. Um voto por um sapato, um voto por um favor, um voto por um emprego, estabelecendo uma mesquinha relação de troca, afastando ainda mais as pessoas do cotidiano da política.

Frente a este abismo, a PUC mudou o seu próprio cotidiano e debateu a "Política no Cotidiano, meu insuportável diário" numa quarta-feira de muito calor e chuva. Mais de 300 pessoas lotaram a sala 333 do prédio novo para trocar idéias com a professora de Filosofia da USP, Marilena Chauí e com o professor da USP e candidato a deputado estadual pelo PT, Eder Sader, mediados pelo professor de Economia da PUC-SP, Paulo Sandroni, na perspectiva de analisar os porquês e quiçá tentar re-inventar o cotidiano.

**Democracia,  
apenas  
adjetivo**

Na opinião da filósofa Marilena Chauí, o maior problema do cotidiano da política brasi-

leira é o fato dele estar bloqueado como possibilidade política. Talvez um fato raro e único, a política brasileira foi capaz de provocar o esvaziamento da sua própria essência, num processo antropofágico das idéias, comenta Chauí.

Este autoflagelo é justificado: a democracia no Brasil é um adjetivo, efetivamente não existe. Marilena vai mais fundo negando até o dia 15 de novembro de 1889, pois para ela o Brasil ainda não é uma república. Ela explica: "Ninguém é presidente do País, mas rei. Pois o que caracteriza o reino é que nele não existe a esfera pública. O rei é proprietário e senhor da terra, dos bens, dos servos e dos vassallos — o que apraz ao rei tem força de lei".

E, realmente, pelo pronunciamento do Ministro das Relações Exteriores Abreu Sodré, chega-se a conclusão de que o Partido Monarquista, de dom Eudes de Orleans e Bragança, não precisa se preocupar em articular sua plataforma.

Abreu Sodré declarou que o presidente Sarney não deve se preocupar com críticas, pois é dono do cargo e portanto nada

pode afetar o seu mandato. E se a hereditariedade for mantida, Roseana Sarney, com seus olhos verdes, tem muitas chances de assumir o reino.

**A cama é  
pública e a  
fábrica  
privada**

Esta discrepância entre o público e o privado reflete-se, também, nesta campanha, quando um caso como o da Votorantin, nitidamente qualificável como um caso de empresa que não cumpre a lei, é tratado pela imprensa e pelos políticos adversários como um vício moral de um indivíduo, no caso o candidato ao Governo do Estado, Antonio Ermírio de Moraes. Dentro desta ótica, a insalubridade numa fábrica e o gosto sexual de um candidato são entendidos da mesma forma.

Neste quadro de cabeça para baixo, não existem direitos, mas privilégios. E o pensamento liberal dá suporte a esta con-

fusão, ao considerar a sociedade civil como instituição privada, na defesa da livre iniciativa.

Assim, a esfera pública torna-se a ampliação do espaço privado e o privado vira público. O cotidiano é ou a intimidade indevassável ou a publicidade da relação interpessoal de clientelismo, tutela, barganha, dependência e submissão, onde a instituição que mais funciona é o "me procura que resolvo".

Destroí-se, assim, a capacidade de situar o cotidiano como um espaço social, cultural e político. Existe, porém, uma mudança no comportamento da relação do cotidiano, independente das formas como se realizou a relação política.

Na opinião de Eder Sader, existem alguns momentos de redescoberta do cotidiano, através da ruptura com o ponto e o espaço físico da política e com a descoberta de outros espaços da vida cotidiana. A descoberta de um momento livre da repetição dentro da própria repetição é a criação, a revolução. A política é descoberta em

outros cenários, produzindo uma ideologia do cotidiano.

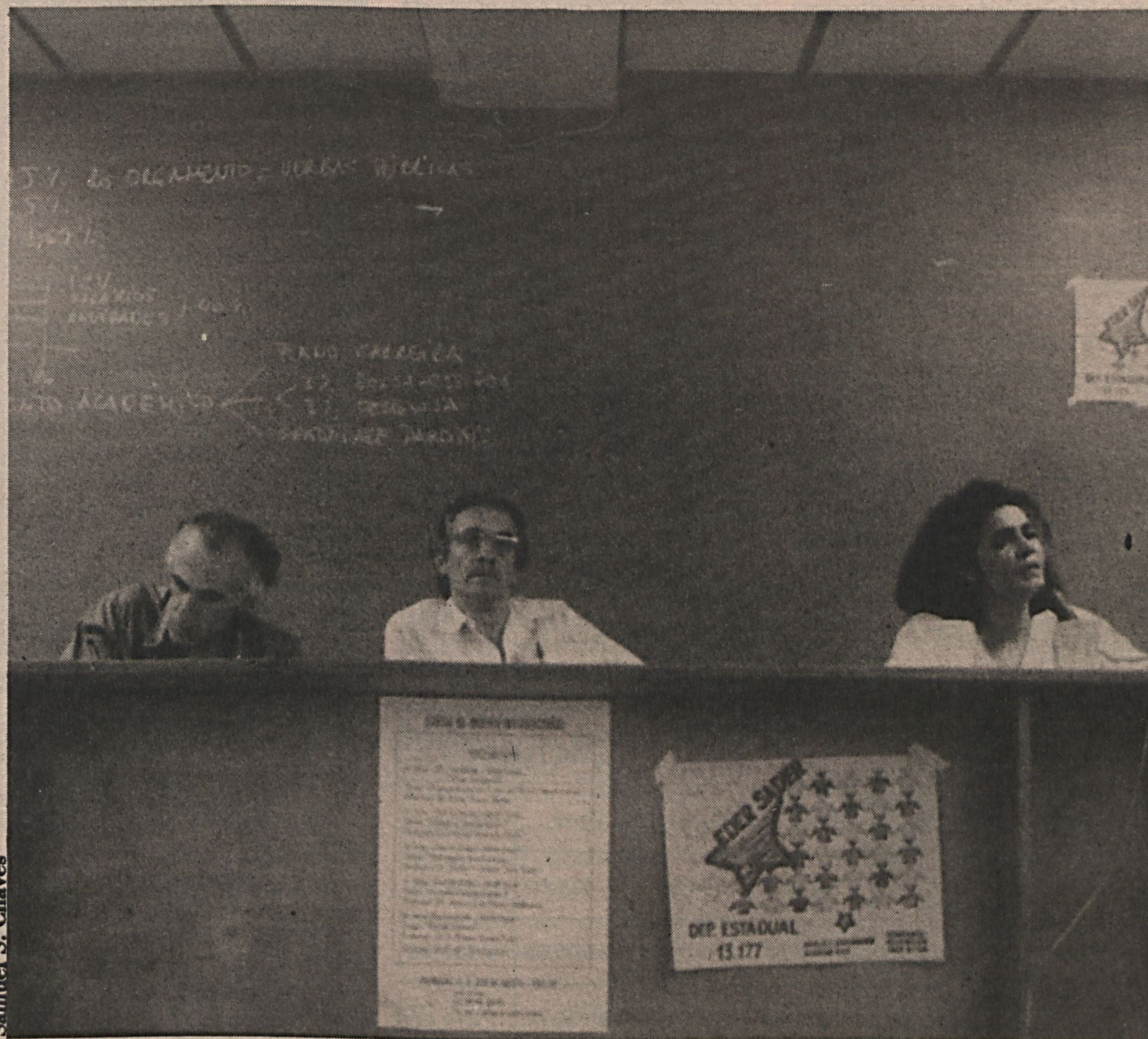
**Revolucionar  
a  
revolução**

Mas, apesar disso, Sader considera que muitas vezes o próprio conceito de revolução pode ser mudado. "A revolução foi transformada num mito pelo próprio pensamento revolucionário, já que se distanciou demais de cotidiano. Revolução e cotidiano se transformaram em técnicas elaboradas por profissionais revolucionários, deixando de ser uma nova invenção, uma nova Revolução para se tornar uma repetição". Por sinal, muito aborrecida.

A solução para todo este tédio nasce de movimentos e partidos comprometidos com uma nova ordem. Mas é preciso tomar muito cuidado, o próprio Eder acena para a possibilidade de o PT estar se tornando um partido chato. Para fugir disso, ele aponta a necessidade de se eleger um Congresso Constituinte, no qual a sociedade, que é dividida, reconheça a sua divisão e lute pelos seus direitos.

"É preciso destituir o Estatuto da Lei do Brasil", diz Chauí, "no qual a lei inexistente, permitindo que ela seja entendida de quatro maneiras diferentes conforme a classe social: para a classe dominante a lei é um privilégio; para a classe média sempre existe um jeitoinho de burlá-la; para a classe média baixa, lei é sinônimo de ordem, disciplina e repressão; e para o pobre a lei sempre está contra o povo".

Portanto, só resta criar, traduzir a política em arte através de seus matizes peculiares. O Congresso Constituinte não pode ser propriedade de ninguém, e sim, espaço de discussão. Eder propõe a criação de canais supra partidários que comprometam todos os setores, pressionem e cobrem dos constituintes a sua ligação direta com os movimentos sociais, sindicais e populares. A ordem é ampliar o espaço constitucional.



Na mesa do debate, da esquerda para a direita, Eder Sader, Paulo Sandroni e Marilena Chauí.



# Fantasma da evasão já assusta

Professores e funcionários da PUC acabam de sair de uma greve de um mês de duração. A nível salarial o movimento não logrou êxito e a perspectiva de um bom reajuste foi por água abaixo frente ao quadro de quase falência da instituição. No rescaldo da greve, correm pelos corredores rumores de que a cada dia que passa cresce o número de pessoas que estão deixando a Universidade, cansados dos baixos salários, que não compensam tamanha insistência.

O Porã saiu a campo para tentar descobrir o que existe de concreto em torno desses rumores, ou seja, se a PUC está vivendo o fenômeno da evasão de professores e funcionários. Ao invés de respostas encontramos opiniões diversas e números nada exatos.

Para José Rocha, presidente da Afapuc, a evasão no caso dos funcionários vem ocorrendo basicamente por dois motivos. O primeiro deles é que com o reaquecimento econômico existe atualmente uma maior oferta de emprego e, conseqüentemente, melhores oportunidades aparecem. O outro motivo é o salário que todos, sem exceção, consideram baixo. A Editora Abril, pouco tempo atrás, oferecia um salário de Cz\$ 3.700,00 para quem se dispusesse a trabalhar cinco horas por dia como recepcionista. Para função semelhante, porém com uma jornada diária de oito horas, a PUC paga, já contabilizados os aumentos concedidos, Cz\$ 2.647,00, que correspondem ao salário de Escriturário Nível I.

Para sustentar a sua afirmação de que os funcionários estão saindo em massa, Rocha recorre às estimativas da entidade. Segundo a Afapuc, de março de 85 até a eclosão da greve, no final de setembro, cerca de 400 funcionários haviam pedido demissão. E do fim da greve até a segunda semana deste mês, ou seja, num período de mais ou menos vinte dias, mais de 60 funcionários saíram da PUC, o que corresponde a uma média de três

Sergio Sambi Colotto

pedidos de demissão por dia. "Só na turma da limpeza noturna estão faltando sete pessoas", exemplifica Rocha.

Outro problema, de acordo com a Afapuc, é que os cargos que vão ficando vagos com a saída do pessoal estão sendo apenas parcialmente preenchidos. "A reposição dos funcionários está em torno de 60% e, inclusive, parece que há interesse da Reitoria em desativar alguns setores, afirma Rocha. A situação promete ficar ainda mais preta, pois, segundo Cristiane de C. e Almeida, diretora da entidade, a PUC publicou um edital externo de convocação, oferecendo quarenta vagas para Escriturário Nível I e apareceram somente dois interessados. Cristiane acredita que a "instabilidade da empresa" é a responsável por esse tipo de atitude.

## Números contraditórios

Por sua vez a Reitoria acena com números bem diferentes se comparados com os da estimativa da Afapuc. O vice-reitor Alípio Casali informa que, este ano, 172 funcionários já deixaram a PUC contra os 73 que se foram no ano passado. A cifra

dos professores também cresce de ano para ano. Em 85, 120 professores saíram e, em 86, o número sobe para 183. Os totais de ambos os segmentos levam em conta tanto aqueles que tiveram seu pedido de demissão homologados, quanto os que estavam em período de experiência ou substituição e não foram aproveitados.

Apesar da grande diferença em relação aos dados da Afapuc, os números oficiais indicam que, de 85 para cá, houve um aumento no montante de professores e funcionários que deixaram a PUC. Mesmo assim, o vice-reitor não desmente e nem afirma que a evasão está ocorrendo. Ele apenas salienta que a maioria dos professores está trocando a PUC não por outra universidade, mas sim por atividades ligadas ao "comércio e à indústria".

Já a vice-reitora acadêmica, Sílvia Lane, quando questionada sobre o assunto, afirmou que "oficialmente não está havendo evasão de professores", pois o cadastro dos mesmos só será atualizado em fevereiro e aí então, é que ela poderá dar uma resposta concreta. "Eu ouço dizer que professores estão prestando concurso em outras universidades", ressalva, "mas, isso não significa que

eles abandonarão a PUC ou diminuirão suas cargas horárias", conclui.

Para o vice-presidente da Apropuc, Erson Oliveira, o fenômeno da evasão já acontece e traz com ele conseqüências seríssimas. "A PUC está perdendo quadros com uma formação de alto nível, de muita experiência, e isso acarreta o problema do rebaixamento da qualidade de ensino". Erson acha que a raiz desse fenômeno está na própria crise de um modelo de escola particular financiada pelo governo como é o caso da PUC. Porém, o mais grave segundo Erson, é que a saída de um professor não se resolve simplesmente colocando outro no lugar. "Há professores saindo, que são o esteio de todo um trabalho que vinha sendo feito".

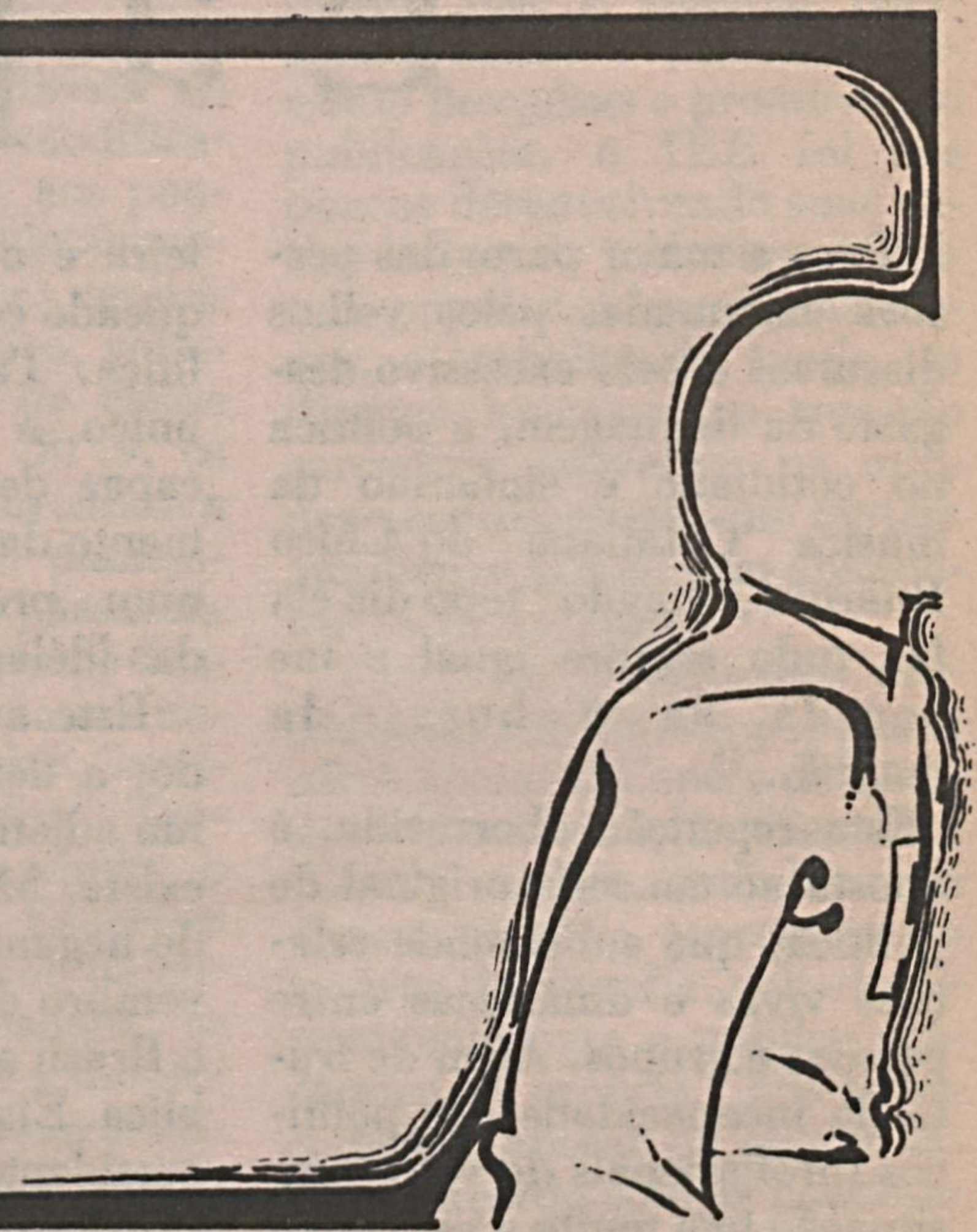
## Alunos órfãos

Em agosto, o Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica sentiu na pele esse problema. O professor Décio Pignatari teve de optar entre a PUC e a USP e acabou preferindo a segunda. O coordenador do programa, o professor Fernando Segolin, apesar de afirmar que a evasão "ainda" não bateu à porta do

Pós, explica que se isso ocorrer as conseqüências serão desastrosas, pois "os professores não estão apenas comprometidos com os cursos, mas também com os orientandos", que na maioria das vezes escolhem seus orientadores por ter com eles afinidades pessoais. "A perda do Décio foi bastante dura para todos. Ele é um profissional com vastíssima experiência, reconhecido internacionalmente", admite o professor Segolin. "É impossível repor o vazio deixado por ele. Os alunos ficaram meio órfãos", constata.

O único setor que até agora não sofreu qualquer baixa em seus quadros foi o Ciclo Básico. Como admite a sua coordenadora, a professora Maristela Guimarães André, durante este ano não foi registrado um único pedido de demissão. Maristela tem uma explicação para esse fato: "A maior parte dos professores do Básico tem como atividade prioritária o ensino. São os mais integrados à Universidade e são os que mais acreditam nela".

Porém se não for encontrada uma solução que espante definitivamente o fantasma da crise, até quando os professores do Básico agüentarão segurar essa barra?



## TABELA COMPARATIVA DE SALÁRIOS

	USP		PUC		UNICAMP		UNESP (Botucatu)	
	Prof.	Func.	Prof.	Func.	Prof.	Func.	Prof.	Func.
<b>Menor</b>	1.868,06	1.608,00	540,00	1.922,00	1.488,00	804,00	7.425,00	1.608,00
<b>Médio</b>	4.670,18	3.517,43	6.077,00	3.234,00	6.915,24	4.553,00	12.500,00	3.000,00
<b>Maior</b>	18.384,27	8.588,98	12.154,00	9.255,00	17.886,54	9.942,00	18.780,00	7.419,00

Fonte: Data Folha / Folha de S. Paulo, 21/09/86  
Valores em cruzados

## Defesas de tese

- 21/11 — 13 horas — sala 423 — Educação Artística — "Uma Análise de proposta curricular no estado da Paraíba". — Carmem Lúcia S. Queiroz — Supervisão e Currículo — Mestrado
- 25/11 — 14h30 — sala 239 — "O que existe, na verdade, é a realidade" — Ubirajara de Oliveira — Comunicação e Semiótica — Mestrado
- 26/11 — 14h30 — sala 239 — "Charge Política: o poder e a fenda" — Luciana Coutinho P. Souza — Comunicação e Semiótica — Mestrado
- 28/11 — 14h30 — sala 239 — "A evidência da irrealidade" — Maria Aparecida Junqueira — Comunicação e Semiótica — Mestrado
- 28/11 — 15 horas — sala 423 — "Do perifrástico nas peças de Shakespeare" John Milton — Linguística Aplicada ao Ensino de Línguas — Mestrado.



# O professor Ary Silvério pede intervenção na PUC

O assessor financeiro da PUC, Ary Silvério, em artigo da seção Idéias e Debates do jornal "O Estado de S. Paulo" de 4.11.86, acusa: "a pretexto de integração e de uma participação mais efetiva, tentando justificar a forma de agir como uma inovação pedagógica, grupos formados de professores, alunos e até funcionários transformaram a PUC em uma verdadeira assembléia permanente para reivindicações que nada têm a ver com o ensino". Mais adiante, o sr. Silvério pergunta: "Não estariam esses grupos tornando a PUC inútil, tamanha a preocupação dos professores, alunos e funcionários com a sua democratização, por exemplo, em vez de se dedicarem a aprimorar o sistema educacional vigente, que toda a comunidade sabe ser fraco e quase inoperante"? O sr. Silvério queixa-se, também, de que "a chamada 'democracia paritária' na PUC gerou anarquia. Só se discute (sic) política e interesses de grupos. Aqueles que procuram defender os objetivos maiores da instituição foram pouco a pouco sendo colocados de lado, ignorados ou se afastaram da

Universidade". Depois, Silvério pede intervenção: "À vista de tal quadro é de se perguntar: e os administradores, os responsáveis, os órgãos superiores da administração? O que fazem? O que pensam? Por que não intervêm?". Ficam essas perguntas para quem de direito. A Afapuc, por exemplo, já deu sua resposta que publicamos a seguir.

## Afapuc responde

No dia 2 de novembro de 1986, o jornal "O Estado de S. Paulo" publicou um artigo bastante extenso, intitulado "Quase 40 anos de PUC: um depoimento", assinado pelo sr. Ary Silvério, assessor econômico-financeiro da Universidade.

Várias indagações nos ocorreram no momento em que lemos tal artigo: porque, num momento em que a Universidade passa por situação tão dramática e sua comunidade prepara um Congresso para discutir e deliberar sobre tal situação, o sr. Silvério recorre a um grande órgão da imprensa para expor seus pontos de vista? Não haverá, aqui na PUC,

espaço democrático suficiente para que elas sejam apresentadas? Por que o sr. Silvério omitiu-se de colocar publicamente suas idéias nas várias assembléias e reuniões durante a greve? Por que ele critica as greves na PUC, se ele próprio participou da maior delas sem, em nenhum momento, levantar publicamente qualquer oposição? Bem, teríamos inúmeros questionamentos a fazer mas sabemos que todas estas perguntas podem ser respondidas se examinarmos o tipo de interesses que movem o sr. Silvério.

Estamos construindo na PUC, nos últimos anos, uma forma democrática de relação entre os vários segmentos da Universidade. Estamos tentando exercitar plenamente a autonomia e a democracia universitárias. Não queremos ser robôs e rejeitamos a saída mercantilista para o ensino. É contra nossa disposição de encontrar na democracia o espaço para resolução de nossos conflitos que lutam o sr. Silvério e seu artigo no "Estadão".

Diretoria da Afapuc



"Em sociedade tudo se sabe. Mas nem tudo se revela..."

(Perry White, by permission)

## QUALQUER NOTA

### Silêncio no Recinto

A ciência já previu que até o ano 2000, nas cidades de alta poluição sonora, todos estarão surdos. Mas não foi exatamente essa perspectiva que assustou os habitantes do 3º andar. O problema era mais imediato: os fuxicos e debates ao pé do cafezinho tornavam impossível a vida acadêmica naquelas paragens. A solução foi uma porta de vidro, que separa o bar do corredor central, instalada pela bagatela de Cz\$ 15.125. E agora, silêncio, por favor.

### Bolsa Capes

Atenção, ainda há vagas para a bolsa Capes de 1987. Quem estiver interessado pode apresentar seu pedido de inscrição no Setor de Pós-Graduação, até o dia 1º de dezembro. A bolsa garante remuneração de Cz\$ 4.350 mensais para doutorandos e Cz\$ 3.200 para mestrados (valores de 1986 que certamente serão corrigidos em 87). Para maiores informações, procure o Setor de Pós e... boa sorte.

### Buraco da PUC

Muita tinta já correu, e muita saliva já se gastou para falar do rombo financeiro da PUC. Mas na madrugada do dia 12 a Coordenadoria de Serviços Administrativos ganhou seu próprio rombo: foi um buraco bem palpável na porta da seção. Entretanto, nem os próprios funcionários conseguiram descobrir se foram roubados ou não. Este furo faz lembrar um outro, só que jornalístico, de maio deste ano. O Porã apurou que o chefe de segurança recém-contratado, Estevo Zacarias da Silva, era suspeito de envolvimento em caso de espancamento e morte ocorrido no Metrô, onde era Inspetor do Corpo de Segurança.

Estevo continua no seu setor, e a administração passou a tapar o furo com a peneira: agora ninguém é admitido na Universidade sem apresentar atestado de antecedentes.

### Pinte Bandeira

O "Utopos — Movimento para plena realização do ser humano", está propondo "que o povo pinte sua própria bandeira". Anuncia também a realização de um "Referendum Popular" que consiste na aprovação da Constituição por todos os segmentos da sociedade. A meta dos integrantes do Utopos é ser "intermediários entre os constituintes e o povo". Quem se habilitar e acreditar na proposta pode procurar Mauro Mourão, na sala 323 (Economia) ou pelo telefone 881-4740.

### Posso mas não quero

Dia 12 a PUC refletia sobre seu destino no 2º andar e a discussão do poder na Universidade corria solta. Enquanto isso, no 3º andar, o debate "Sexo e Política" colocava em xeque a questão do poder, da vontade, e do querer. Apesar de sentir as ausências dos escritores Caio Fernando Abreu e Cassandra Rios, além da atriz Cláudia Wonder, os debatedores não perderam o pique. Para Naumi Vasconcelos, diretora do Instituto de Relações de Gênero (Ieros), o querer e o poder são limitados pelo poder do Estado. O que é irrealizado é, às vezes o querer, outras, o poder. A sociedade, a família e a educação dão migalhas de poder para satisfazer o nosso querer, o que se torna um sadismo institucionalizado. Um caso típico é o da Inquisição: os acusados eram obrigados a confessar o seu querer, para depois ser condenados exatamente por esse querer. Se a discussão tivesse descido um andar, talvez desse lugar a perguntas importantes: a PUC tem coragem de dizer o que quer? Vai aceitar conceder uma migalha, escapar um pouco da prisão de sua vontade, abrir mão do seu poder? Quem viver, verá.

## TUCA pela música

Enquanto as obras do TUCA não ficam prontas, novos espaços abrem-se para que as programações culturais continuem acontecendo dentro da PUC. O evento "TUCA pela música", por exemplo, está sendo realizado na Capela, ao lado do Prédio Velho, local mais que adequado para o repertório em apresentação: músicas renascentistas, barrocas e contemporâneas. Na última semana, dentro do subprojeto "Música na Capela", apresentaram-se Fábio Zanon e Carlos Marcelo Barbosa, em "Duo de violão e flauta".

Quinta-feira próxima, dia 20, haverá a apresentação do Cuca — Coral da Universidade Católica, que mostrará porque está tão bem cotado em âmbito internacional. Dia 27, a Orquestra de Câmara de São Paulo, sob a regência de Olivier Toni, apresentará obras de Tchaikovski, Respighi e Mozart. A orquestra não cobrará nada, pois é uma forma da USP dar um apoio para a reconstrução do TUCA. Esses eventos acontecerão sempre às 20h30, com entrada franca para toda a comunidade.

Samuel S. Chaves



## Seção Coruja

A meninada, que desde agosto estava dando um tempo, resolveu voltar à ativa. Veja quantos nasceram nesse intervalo.  
5.8.86 — Joana — filha de Ivanilde Lucena T. da Silva — Tuca  
15.8.86 — Jacson — filho de Rubervan Pedro — Segurança  
15.9.86 — Rafael — filho de Vera Lúcia Mansini — DERCIC  
27.9.86 — João Gilmar — filho de Ademir M. Azevedo — Tesouraria.

02.10.86 — Lilian Carolina — filha de João dos Santos — Clínica Psicológica.  
3.10.86 — Juliana — filha de Letícia da S. de Marco — Matemática  
13.10.86 — Mariana — filha de Bernadete Gomes de Oliveira Silva — Clínica Psicológica.  
20.10.86 — Diego — filho de Raimundo F. França — Limpeza  
25.10.85 — Liliani — filha de João de Godoy Mello Filho — Limpeza.





## “Os Lusíadas”, mais uma ousadia do TUCA

A comunidade da PUC volta à cena com a Oficina de Teatro do TUCA, que retoma, agora, sua antiga prática do teatro, que se consagrou em 68 com a montagem de “Morte e Vida Severina”, ganhadora de vários prêmios.

Sem nenhuma pretensão saudosista, o Grupo Oficina do TUCA foi criado para desenvolver um trabalho experimental. Os mais de cinqüenta inscritos estão ensaiando há quase cinco meses, três vezes por semana, para subir aos palcos em abril do próximo ano e viajar pelo País. Segundo Paulo Roberto Moreira, professor de Psicologia da PUC, e diretor do grupo, mesmo que o TUCA não esteja pronto em abril, o Oficina estreiará em outro teatro, em nome do TUCA. “Afim, o que todos querem é subir no palco, se esperar perde o pique”.

A dinâmica do Oficina está estruturada da seguinte forma: os alunos, funcionários e professores da PUC que participam do grupo têm aulas de expressão corporal, voz e representação uma vez por semana. Na Oficina, o trabalho é dirigido para que os alunos criem e desenvolvam todas as potencialidades fazendo trabalhos, nos quais elaboram textos, representam, dirigem, cantam, dançam, criam cenários, figurinos e maquiagem. “Fizemos um trabalho essencialmente prático, dirigido no sentido de que as pessoas consigam antes de tudo desenvolver suas potencialidades como ator, antes de assumir uma personagem. São corrigidos os defeitos de fala, dicção, postura e expressão corporal”, explica Paulo.

O ator fala, anda, se movimenta. Na concepção de Paulo Moreira, a interpretação é a integração de todos esses fatores. Nessa fase, a técnica é desnecessária, pois ainda não se está trabalhando em cima de um texto. “Na hora da interpretação, vamos limpar todos os estereótipos assumidos pelo

ator, fazendo um aprofundamento de cada detalhe através de críticas embasadas em noções teóricas”. Esta inversão de aplicar a teoria depois da prática, na opinião do diretor, tem relação com o fato de o grupo ser da PUC e, portanto, mais politizado, “por isso é preferível que eles apliquem tudo o que sabem para depois fazer uma depuração”, acrescenta.



**Limpeza de estereótipo**

Apesar de ser um trabalho de amadores, a Oficina do TUCA tem um esquema profissional, eliminando o caráter amadorístico que um teatro universitário pode ter. “Não queremos que seja Mais um curso durante o ano letivo para apresentar para os pais. Pretendemos estar no mesmo nível do Teatro Macunaíma do Antunes Filho”, diz Paulo. Neste sentido, uma série de outros profissionais realizam um trabalho sério com o grupo.

A coreógrafa Valéria Sirangelo desenvolve a expressão corporal através de uma técnica própria. “A consciência corporal que cada um deve ter é no sentido de saber que não podem mexer o corpo de mil formas. O soltar o corpo vem como consequência deste trabalho”. Quanto à coreografia

da peça, ela ainda não tem nada montado. “O grupo vai decidir como será a coreografia, mas ela vai vir mesmo durante os ensaios”.



**Um texto quase impossível**

Para consertar e apurar a voz dos novos atores, a professora Leslie Piccolotto Ferreira, e mais três alunos do 3º ano do curso de Fonoaudiologia, realizaram uma avaliação da voz, para desenvolver, agora, um trabalho de aperfeiçoamento da dicção, tons, ressonância, integrando todo o trabalho do Oficina.

O trabalho experimental não fica por conta apenas da direção e dos atores. O texto da peça, escrito por dois ex-alunos de Letras, Bráulio Mantovani e Cabral, é uma tradução semiótica (“entender os mecanismos das duas linguagens”) de os “Lusíadas”, de Luis de Camões. Uma missão impossível, desenvolvida exatamente pela aparência de impossibilidade. Feita a escolha, os autores realizaram uma leitura cênica do poema de Camões traduzindo os traços literários em gestos teatrais. Esta junção de literatura e teatro está, também, representada na peça. “Baco (deus do vinho) é o teatro, Camões a literatura. O autor original na peça de uma for-

ma bem estranha, Camões é resgatado por Baco de um mar metafísico”, conta Bráulio. E, segundo os autores, nesta contraposição de estilos, Camões é vencido várias vezes, porque tem muita dificuldade em “entrar no teatro”. Portanto, fica uma dúvida: quem é personagem de quem?

Este trabalho experimental foi considerado “muito pretensioso” pelos entendidos, que imaginavam ser impraticável adaptar “Os Lusíadas”. Bráulio explica: “Nossa pretensão ocorreu no sentido saudável, fizemos muita pesquisa, buscamos uma nova linguagem. Não procuramos o caminho fácil do público, mas um trabalho criativo que experimente várias linguagens”, relata.

A peça pode ser considerada completa. Texto e interpretação conjugam-se com dança, quadros musicais, expressão corporal além de citações literárias de Gregório de Matos Guerra, Oswald de Andrade e Fernando Pessoa. Valorizando o cenário, “A última Ceia”, de Leonardo da Vinci, e o “Concílio dos Deuses”.

Com tantos elementos, Paulo Moreira acredita que, na parte final do trabalho, terá que dar uma lapidada e uma unidade. Na sua opinião, “a unidade está na cabeça de poucas pessoas e como diretor tenho que dar uma linha, uma direção”. Mantendo sempre o caráter profissional do Oficina, baseado na responsabilidade e dedicação de todos os atores, que terão de brigar, também, pelos papéis. “A peça tem quarenta personagens, o grupo conta com cinqüenta pessoas, todos serão aproveitados, porém, deve haver disputa entre eles para os melhores papéis. O parâmetro será a dedicação e o trabalho que o melhor papel sempre exige”, afirma Paulo.

No ensaio-performance de sábado, presenciado pela repórter do Porã, ficou evidente a grande disposição dos cin-



**Vontade supera dificuldades**

quenta integrantes do grupo, que representaram cenas elaboradas e dirigidas por eles, com os cenários, maquiagens, figurinos e sonoplastia.

Depois da apresentação e troca efusiva de depoimentos variados: “O grupo do Oficina é muito importante. Hoje nós temos uma forma diferente de viver a Universidade”. Com relação à carreira, eles afirmam que “depende da oportunidade, por enquanto é só prazer”. Como arranjam tempo para ensaiar? “A vontade de fazer teatro supera todas as dificuldades”. O grupo Cabaré fez quase tudo na base do improvisado e o grupo Afro muito esforço: “Ensaíamos várias vezes extraclasse, porém, juntar o pessoal foi muito difícil. No fim, tudo depende da vontade que cada um tem de trabalhar”. Todos amam o teatro: “O teatro é maravilhoso, a gente descobre as pessoas, o papo de entrar no outro é como entrar em si mesmo”.

Neste entra e sai “universitário já não tem privilégio nenhum.

O teatro foi uma coisa, e muita força e união entre nós... que desperta o lado erótico”. Esta declaração produziu um show de risadas. Cai o pano.